



EXTENSÃO EM REVISTA

6º Número
ISSN 2525-5347

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS


PROEX
Pró-Reitoria de Extensão
e Assuntos Comunitários



editora
UEA

Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima
Governador

Universidade do Estado do Amazonas

Cleinaldo de Almeida Costa
Reitor

Cleto Cavalcante de Souza Leal
Vice-Reitor

*editora*UEA

Maristela Silva
Diretora

Socorro Freitas
Secretária Executiva

Síndia Siqueira
Editora Executiva

Samara Nina
Produtora Editorial

Giuliana Loureiro
Raquel Ponce
Samara Nina
Diagramação

Diana Farias
Wesley Sá
Revisão

André Luiz Tannus Dutra
Editor Chefe

Isaque dos Santos Sousa
Editor Científico

Flávia Roberta Ferreira de Souza
Secretária Executiva

Enock da Silva Pessoa, UFAC, Brasil
Maxwell Diógenes Bandeira de Melo, UFT, Brasil
Parmênio Camurça Citó, UFRR, Brasil
Rafael Pontes Lima, UNIFAP, Brasil
Fernando Arthur de Freitas Neves, UFPA, Brasil
Rubens Vaz Cavalcante, UNIR, Brasil
Orlando Ayrton de Toledo, UNB, Brasil
Sandra Teixeira Bittencourt, UNISUL
Francisco Montagner, UFRGS
Maria das Dores Pimentel Nogueira, UFMG, Brasil
Conselho Editorial

Ildete Freitas Oliveira, UEA, Brasil
Sebastião Rocha de Sousa, UEA, Brasil
Emerson Sandro Silva Saraiva, UEA, Brasil
Cheila Maria Lins Bentes, UEA, Brasil
Nadime Mustafa Moraes, UEA, Brasil
Cassia Rozaria da Silva Souza, UEA, Brasil
Rejane Gomes Ferreira, UEA, Brasil
Jeiviane dos Santos Justiniano, UEA, Brasil
Jhon Weiner de Castro, UEA, Brasil
Jonas Dias de Souza, UEA, Brasil
Joab Grana Reis, UEA, Brasil
Carlos Renato Rosário de Jesus, UEA, Brasil
Gabriel de Sousa Lima, UEA, Brasil
Andrezza Belota Lopes Machado, UEA, Brasil
Almir de Oliveira Costa Junior, UEA, Brasil
Alex Izuka Zanelato, UEA, Brasil
Francisco Davy Braz Rabelo, UEA, Brasil
Marcos Roberto dos Santos, UEA, Brasil
Yomarley Lopes Miranda, UEA, Brasil
Marcela Vieira Pereira Mafra, UEA, Brasil
Célia Aparecida Bettiol, UEA, Brasil
Raiziana Mary de Oliveira Zurra, UEA, Brasil
Cynara da Cruz Carmo, UEA, Brasil
Kayro Figueira Pires, UEA, Brasil
Carolina Cecília Carvalho Nogueira, UEA, Brasil
Conselho Científico

Sumário

EDITORIAL

6

APRESENTAÇÃO

7

**LÍNGUA NATIVA E SOCIEDADE: UMA
EXPERIÊNCIA EM BOCA DO ACRE/AM**

14

**PROJETO DE EXTENSÃO: O TEATRO COMO
ESTÍMULO NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

21

**A ARQUEOLOGIA ITINERANTE NO
ALTO RIO NEGRO: DIFUSÃO, DEBATE E
CONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO EM
SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM**

31

**AS CRIANÇAS, AS HISTÓRIAS E OS
MUNDOS IMAGINADOS: CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

41

**CORAL DA UEA: O CANTO CORAL COMO
POSSIBILIDADE DE INTEGRAÇÃO
DA COMUNIDADE ACADÊMICA E
DESENVOLVIMENTO DO SENSO
DE COLETIVIDADE**

52

**ESPAÇO PRIMATAS: O USO DE JOGOS
EDUCACIONAIS PARA CONSERVAR A
FAUNA AMAZÔNICA**

66

**UMA PORTA PARA CONSERVAÇÃO DA
BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA EM
ESPAÇOS FORMAIS DA CIDADE DE MANAUS**

81

**PROJETO DE EXTENSÃO "ALICE NO PAÍS
DA QUÍMICA"**

95

**A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAL: AS LEIS 10.639/2003 E 11.645/08
NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL EM
TABATINGA, AMAZONAS**

104

**CINE CESP: O AUDIOVISUAL COMO
RECURSO DIDÁTICO NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

115

**PRÁTICAS DE LEITURA NO INTERIOR
DO AMAZONAS**

128

**CLUBE DAS MANAS COARI/AMAZONAS:
UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORAS PARA ALÉM DOS MUROS
DA UNIVERSIDADE**

142

Estimadas e estimados leitores,

Chegamos a mais uma edição da Extensão em Revista.

Apesar das dores e da tristeza com a qual somos assolados nos tempos de pandemia, as análises e as reflexões sobre as ações de extensão desenvolvidas estimulam-nos a realizar o registro e a publicação das mesmas, seja como prestação de contas à sociedade ou mesmo ansiando melhorar o que tem sido feito, ao receber as críticas e as sugestões com as quais contamos, no propósito de melhor servir.

Esse número, preparado no auge da crise pandêmica da Covid-19, é dedicado à memória das vítimas, que deixaram órfãos milhares de amazonenses, em especial, prestamos homenagens aos servidores da Universidade do Estado do Amazonas, professores e alunos, afinal, eles partiram do plano material para uma outra dimensão, porém deixaram suas inestimáveis contribuições e uma enorme saudade! Escolhemos um nome, que pode representar a lacuna, uma cratera, que se abriu com a sua prematura partida: Prof. Dr. Augusto Fachín Terán, Presente!

Como é de costume e já faz parte do nosso perfil, este número compreende trabalhos nas seguintes áreas temáticas: Educação, Cultura, Direitos Humanos, Ciências e Meio Ambiente. Oportunamente, queremos agradecer ao Pró-Reitor de Administração da UEA, professor extensionista Marcos André Ferreira Estácio que apresenta, com excelência, esta nossa 6ª Edição; agradecemos também aos autores pelo prestígio e pela confiança, ao escolherem publicar o seu trabalho conosco; aos avaliadores e aos revisores, que se dedicaram e nos ajudaram a preparar mais uma edição.

**Desejamos boa leitura a todos e a todas,
Viva à Extensão Universitária!**

**Cordialmente,
Isaque Sousa e Flávia Roberta.**

Apresentação (em Protesto)

Nosso grande desafio político pedagógico é conseguir ultrapassar essa onda conservadora e recriar a esperança num projeto de sociedade justa e solidária, mobilizando sobretudo a juventude e utilizando ao máximo o poder mobilizador das redes sociais. Precisamos de novas trincheiras da democracia e da cidadania, valorizando a inclusão, a diversidade, a criatividade.

Moacir Gadotti

Partindo da epígrafe acima, iniciamos nossos escritos, os quais denominamos de apresentação-protesto, solidarizando-nos com as famílias dos 10.100 amazonenses, que até o presente momento, tiveram seus sonhos, suas vidas, seus (des)caminhos, suas histórias... interrompidas pelo coronavírus (SARS-CoV-2), que tem causado a COVID-19 e ainda continua –, seja por negligência ou omissão de poderes públicos, mas também pela insistência-persistência da disseminação de discursos e ações negacionistas de homens e mulheres públicos, estas e estes, que tem a obrigação e o dever de proteger a população, mas que optam e apostam deliberadamente na anticiência, “patrocinando a cloroquina e promovendo a desinformação; camuflando dados; desestimulando o uso de máscaras e o distanciamento social; [...] deixando testes mofarem nos portos; recusando ofertas essenciais de vacinas” (AITH, 2021).

Aos que lutaram, e ainda lutam, contra o coronavírus – e aos seus familiares –, nossa homenagem, nosso respeito. Para os anticiência e negacionistas, a certeza de que “apesar de você, amanhã há de ser outro dia! E eu pergunto a você: onde vai se esconder da enorme euforia? [...] Quando chegar o momento, esse meu, [esse nosso] sofrimento, vou cobrar com juro, juro!” Cremos fortemente que essa malignidade à brasileira, marcada por racismos, ódios, discriminações, preconceitos e intolerâncias, ou melhor, essa nuvem acinzentada que busca opacificar os valores humanos, sucumbirá aos “interesses humanos legítimos [...], o de ser, o de viver dignamente, o de amar, o de estudar, o de ler o mundo e a palavra, o de superar o medo, o de crer, o de repousar, o de sonhar, o de fazer coisas, o de perguntar, o de escolher, o de dizer não, na hora apropriada, na perspectiva de permanente sim à vida”. E assim como Paulo Freire, buscamos lutar “esperançadamente [...] pelo sonho, pela utopia, pela esperança”.

Registrados aqui nossas homenagens e nossos protestos, gostaríamos inicialmente de destacarmos a honra pelo convite da Extensão em Revista para apresentarmos esta edição - o que buscaremos fazer com a alegria, o compromisso e a dedicação a nós confiados, pelos editores, mas também

(e indiretamente) pelas autoras e pelos autores. Confessamos que inicialmente resistimos a empreitada, talvez pelo medo ou mesmo pelas atuais situações vividas. Entretanto, o primeiro estímulo se deu pelas temáticas presentes nos textos aqui publicados, os quais nos conduziram a questionamentos de distintas formas. Eles também nos oportunizaram e permitiram a construção e desconstrução de epistemologias, o encontro e a circulação com outros debates e vivências-experiências. Durante a leitura dos “manuscritos”, fomos desafiados a não nos ancorarmos em nossas “verdades” e, assim, muito aprendemos e apreendemos das histórias, dos caminhos e das vidas neles existentes.

Esta edição, de modo audacioso, pretende transitar, ou melhor, circular por/em distintos/diversos níveis e espaços, sugerindo nexos e conexões entre temáticas e conhecimentos até então pouco experienciadas nas publicações até então existentes! Temos, a partir de Boca do Acre, experiências etnolinguísticas Apurinã; a utilização do teatro enquanto estimulador e formador de leitores; discussões arqueológicas de São Gabriel da Cachoeira; as vivências das contações de histórias na educação infantil; a integração e o desenvolvimento do senso de coletividade por meio do canto coral; os jogos educacionais e a conservação da fauna amazônica; a biodiversidade amazônica em espaços não formais de Manaus; o despertar da curiosidade, a divulgação e a popularização da química e seu entrelaçamento com recursos teatrais; a educação e as relações étnico-racial nas escolas municipais de Tabatinga; o processo de ensino e aprendizagem com audiovisual; a formação e as práticas leitoras em Presidente Figueiredo; e por fim, mas não menos importante, a promoção de leituras e debates em torno do feminismo e da cidadania, com o florescimento do Clube das Manas em Coari.

No artigo de abertura desta edição da Extensão em Revista, Língua Nativa e Sociedade: uma experiência em Boca do Acre/AM, de autoria de Histefany Avilar e Luís Carvalho, almeja-se “o desenvolvimento de um projeto de extensão de ações de caráter etnolinguísticos”, com vistas ao fortalecimento da língua autóctone Apurinã, a qual é falada por “reminiscências nativas em locais próximos às margens do rio Purús/AM”. Destacam também, a viabilização de “um processo de divulgação e reafirmação dessa língua como forma de lhe dar visibilidade no cenário linguístico regional”. E acrescentam:

O fortalecimento da língua nativa Apurinã tem se tornado uma tarefa bastante animadora tanto do ponto de vista como prática docente de formação inicial como forma de iniciação à pesquisa. Produzir o fortalecimento da língua Apurinã juntamente com estudantes da escola Estadual Antônio José Bernardo Vasconcelos, em Boca do Acre/AM é um passo importante para a inserção daquela língua na sociedade.

Em Projeto de Extensão: o teatro como estímulo na formação de leitores, João Almeida, Yara Leite, Marta Pereira e Suelda de Souza, relatam a experiência da utilização do teatro enquanto estimulador e formador de leitores, o que significou compreendê-lo “como um recurso pedagógico para a sala de aula, com o intuito de despertar no aluno o gosto pela leitura e, conseqüentemente, promovê-lo a leitor competente e crítico dos diversos textos presentes no meio social”. Revelam, a nós leitores, que a experiência vivida colaborou com a construção de

uma consciência articulada com a prática, que [...] é desafiadora e transformadora, onde são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a convivência. As oportunidades oferecidas nos possibilitaram um maior conhecimento no que se refere à arte de ensinar e ainda a arte do teatro e da literatura aplicada de forma prática e dinâmica no ambiente escolar, cuja abordagem é ainda [...] restrita na grade curricular das escolas públicas [...].

A Arqueologia itinerante no Alto Rio Negro: difusão, debate e conhecimento arqueológico em São Gabriel da Cachoeira/AM, anuncia a divulgação de “pesquisas e reflexões arqueológicas realizadas no interior do curso de Arqueologia ofertado no Centro de Estudos Superiores de São Gabriel da Cachoeira” com a pretensão de “estreitar as relações entre a Universidade [...] e a sociedade”. No entender de Luciano Teles, Solange do Nascimento Francinara dos Santos e Elaine Resende,

a extensão tem sido cada vez mais a porta de entrada de um diálogo profícuo entre a UEA e a sociedade indígena de São Gabriel especialmente, o que nos possibilita pensar a história de vida dessas populações (22 etnias) e a ocupação do espaço como construção de uma história não intocada ou escondida, mas uma história viva que pulsa em cada rocha (muitas consideradas como casas de transformação), plantas, águas e montanhas.

Podemos afirmar que As crianças, as histórias e os mundos imaginados: contação de histórias na educação infantil, é um convite de Giovana de Sá, Thiago Pimenta e Suelda de Souza, para conhecermos a “arte de contar histórias, direcionadas para alunos da educação infantil, numa escola pública do município de Manicoré”, enquanto “ferramenta importante na formação da identidade e valores de toda criança”. E com o seu desenvolvimento foi possível promover

o resgate da contação de histórias, trazendo diversas oficinas com contos, fábulas e lendas. O envolvimento das crianças com as oficinas foi a parte mais desafiadora [...]. A partir desse desafio foi necessário buscar dinâmicas que possibilitassem a interação das crianças.

Ao lermos o texto Coral da UEA: o canto coral como possibilidade de integração da comunidade acadêmica e desenvolvimento do senso

de coletividade, escrito por Fabiano de Oliveira e outros, vivenciamos as histórias da execução de “um repertório diversificado, com músicas regionais, sacras e eruditas, em conjunto com discentes de diversos cursos de graduação, professores e comunidade externa, [...] contribuindo assim com seu desenvolvimento musical, cultural e social”. Compreendem por fim, seus autores, que a

interação entre as unidades acadêmicas e também a interação entre universidade e comunidade, criando um vínculo na forma de amizade e parceria nos ensaios e um relacionamento mais próximo com a população e seus interesses cotidianos. Essa interação faz com que a Universidade através do coral da UEA comece uma reciprocidade de conhecimentos com a comunidade de forma a trazer uma relação de grande dimensão na sua interdependência. Além de todos esses aspectos, o canto coral leva esperança e entretenimento às pessoas e pode lhes despertar o desejo de cantar.

Em Espaço Primatas: o uso de jogos educacionais para conservar a fauna Amazônica, Eulerson de Oliveira, Brunna Tavares, Cassio Albuquerque, Marcilene Silva, Victor de Paula e Luciane de Souza, objetivam a “promoção do acesso a informações sobre a diversidade primatológica”, destacando a “importância da conservação da biodiversidade global e regional” com vistas ao desenvolvimento de “práticas de Educação Ambiental, voltadas para a conservação das espécies, com foco nas ameaçadas de extinção”. Com esse estudo, aprendemos que a

continuidade das ações de Educação Ambiental nas escolas sob a perspectiva conservacionista é essencial para que mais alunos tenham acesso à informação e se sensibilizem sobre a importância dos recursos naturais e da biodiversidade, no entanto, devem estar pautadas no planejamento e envolvimento de toda a comunidade escolar.

Com Uma proposta para conservação da biodiversidade Amazônica em espaços formais da cidade de Manaus, Paulo dos Santos, Eulerson de Oliveira, Lorena Sarmento, Liliane Leal, Mateus Franco e Luciane de Souza; propõem, de modo lúdico-criativo, levar a Educação Ambiental para as escolas manauaras, com o envolvimento de “estudantes do 1º ano do ensino médio das escolas E. E. Professora Ondina de Paula Ribeiro e E. E. Manuel Severiano Nunes, testando se as ações educativas voltadas para conservação da biodiversidade causariam impactos na concepção dos estudantes”. São potentes e reveladores os caminhos percorridos pelos autores, mas também os encontros realizados durante o caminhar, pois, segundo afirmam,

a partir das diferenças encontradas nas respostas dos estudantes, antes e depois da execução das atividades, que a aprendizagem foi relevante (embora estatisticamente não houve diferença significativa entre os pré-testes e pós-testes) e que os métodos aplicados são eficazes para se trabalhar a educação ambiental no espaço escolar, embora seja coerente mencionar que há necessidade de um trabalho de longo prazo e com discussões mais complexas sobre a conservação da natureza que muitas vezes gera debates calorosos e conflitos no ambiente onde as ações acontecem.

No Projeto de Extensão “Alice no país da Química”, o qual teve por objetivo central “fomentar a criatividade e a curiosidade dos estudantes para a ciência e tecnologia através da Química e sua aplicação no cotidiano”, mas também a investigação do pensamento crítico, a disseminação do conhecimento científico e o seu valor social, as/os autoras/autores Patrícia Hidalgo, Gabriel de Souza, Amanda de Carvalho, Maria de Souza da Silva, Rebeca Machado e Roberto Gomes nos revelam que durante o fazer-acontecer dos estudos e análise dos dados, foi

possível verificar que os estudantes de Ensino médio comumente não possuem acesso à prática da disciplina de Química; [sic] E que o uso dessas práticas pode trazer [sic] benefícios para a sua aprendizagem. Haja visto que o maior percentual de alunos entrevistados, afirma que, tanto o interesse pela disciplina, quanto a facilidade na assimilação tendem a ser maiores quando há o uso de métodos dinâmicos, como a experimentação.

O texto de Jonas de Souza, Reginaldo da Silva, Bruno Dias e Breno Dias – A educação para as relações étnico-racial: as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 nas Escolas da Rede Municipal em Tabatinga – além da indiscutível relevância temática e pertinente discussão nos espaços escolares amazônicos e brasileiros, nos permite uma aproximação com os saberes, “conhecimento e aplicação das referidas leis por parte dos gestores, pedagogos e professores das escolas públicas da rede municipal de ensino” e ainda contribui “com as instituições disponibilizando material que sirva de fundamento para futuras atividades”. Compreendemos, tal qual os autores que a

não da aplicação destas leis nas escolas do município de Tabatinga gera problemas que não devem ser deixados de lado. Tratando-se de uma cidade onde a presença de afrodescendentes e especialmente de indígenas é uma característica local, a valorização na escola da diversidade cultural e o reconhecimento das contribuições de cada grupo social na formação da cultura local caminham no sentido de concretizar os direitos de cidadania. É certo que a educação precisa ser vista com mais seriedade pelos administradores públicos, passando pela formação continuada dos professores de forma a instrumentalizá-los para a educação étnico-racial e pela melhoria nos materiais disponíveis nas instituições de ensino. Sem tais iniciativas, as leis correm o risco de não serem aplicadas.

Do nosso encontro com o CINE CESP: o audiovisual como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem, de autoria de Érika Costa e João de Azevedo Filho, foi possível nos aproximarmos das discussões do “cinema como uma ferramenta didático-pedagógica no processo de ensino-aprendizagem, bem como mostrar os resultados e discussões obtidos pelo projeto [...] desenvolvido na cidade de Parintins”. Este belo trabalho, de oportunizar e discutir importantes produções cinematográficas, também

conseguiu-se levar o cinema aos mais variados públicos, mas principalmente ao público acadêmico e escolar, numa atividade interdisciplinar e de apoio à tomada de consciência crítica de forma interativa e participativa. Dessa maneira, o projeto cumpriu o objetivo de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem de alunos das escolas de Parintins e da própria Universidade, por meio do cinema.

As Práticas de Leitura no interior do Amazonas, anunciam “relato de experiência a partir do projeto de extensão ‘Práticas Leitoras – Formação e Ação para Mediadores de Leitura’, desenvolvido [...] em rede, nos municípios de Itacoatiara e Presidente Figueiredo”. Conforme nos afirmam suas autoras Crisciane Batista, Angelina de Freitas, Elisângela de Oliveira e Fátima Souza; as ações e atividades realizadas possibilitaram

uma visão mais abrangente dos espaços e atividades que provocam e incentivam a leitura nos mais variados âmbitos. Nos seus depoimentos, os participantes afirmaram categoricamente que o projeto foi uma ferramenta de incentivo, uma forma de fazer cada um se reinventar, de querer buscar mais através do mundo literário, seja nas suas atividades escolares, acadêmicas, ou até mesmo nas suas atividades diárias, como reservar um tempo para leitura, priorizando a busca pelo conhecimento. Inaugura-se agora um modo diferente de olhar para a leitura literária, apropriando-se dela como ferramenta nas atividades acadêmicas, escolares, de pesquisa e no dia a dia, como instrumento para transformar o meio em que vivemos, pois o ato de ler proporciona novos sentidos à existência e amplia a capacidade de reinventar a realidade. Em um município, e porque não dizer em um país como o nosso, que ainda está distante de oferecer subsídios necessários para o desenvolvimento literário, a busca pela leitura torna imprescindível para a formação do cidadão e o desenvolvimento do conhecimento.

Outro texto – belo, potente e apaixonante – é o Clube das Manas Coari/ Amazonas: uma experiência de formação de professoras para além dos muros da Universidade, discutido e escrito por Rita Machado e Juliana de Freitas. Nele, as autoras buscam “promover leituras e debates acerca do feminismo e cidadania”, saem da Universidade e se propõem a “alcançar a comunidade local, promovendo entre os participantes autoestima e empoderamento, através do uso da literatura, cinema e reflexão”.

É importante acrescentar que as ações intencionavam “estimular a liberdade de expressão das mulheres e sensibilizar os homens sobre o universo feminino e suas problemáticas, disseminando o conhecimento e fortalecendo a igualdade de gênero”. Dos muitos resultados floresceram

relatos das mulheres participantes do projeto, [e] percebeu-se uma transformação na forma de pensar a participação da mulher na sociedade de classe. Um ponto bastante relevante foi o desprendimento de qualquer tipo de “medo” de se expressar diante de um grupo, ou mesmo em sala de aula, como algumas acadêmicas relataram.

[...]

Outro ponto muito importante foi a construção do conhecimento, proporcionado pelos debates e discussões que emergiam a partir de cada livro discutido nas rodas de leitura e a cada filme assistido. Foi possível compreender como cada uma se reconhecia em cada fala, em cada texto, em cada cena, e como a solidariedade foi um dos aspectos mais marcantes quando um problema particular era colocado em forma de contribuição ou mesmo como desabafo.

Do até aqui exposto, em um manuscrito – na verdade digitado – com tantas citações, em um texto que se propõe a ser uma apresentação-protesto, somos cômicos que também se configura mais como um thriller, a estimular a leitura cuidadosa e envolvente da presente edição da Extensão em Revista, inclusive por olhares diversos aos que aqui se sugerem. Enfim, estamos diante de textos que trazem importantes contribuições ao desenvolvimento da extensão e da educação brasileira. Recomendamos, pois, suas leituras e seus estudos aos pesquisadores, aos estudantes, aos professores e a todas e todos aquelas/aqueles interessados nas temáticas aqui discutidas, não apenas aos da região amazônica, mas de todo o País, pois a compreensão das especificidades da extensão e da educação nas várias regiões brasileiras é condição para compreendermos concretamente a extensão e a educação nacionais.

Jardim de São José (Russas/Ceará)
16 de fevereiro da graça de 2021

Marcos André Ferreira Estácio